

# Cantos de trabalho: música, arte e cultura, alinhados numa tradição que resiste aos tempos

Work songs: music, art and culture, aligned in a tradition that resists the times

Cantos de trabajo: música, arte y cultura, alineados en una tradición que resiste los tiempos

Recebido: 14/04/2022 | Revisado: 22/04/2022 | Aceito: 30/04/2022 | Publicado: 02/05/2022

**Josefa Eleusa da Rocha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8175-1305>

Universidade Estadual de Alagoas, Brasil

E-mail: [eleusa.rocha@uneal.edu.br](mailto:eleusa.rocha@uneal.edu.br)

## Resumo

Esta artigo teve como objetivo desenvolver um estudo analítico qualitativo sobre três grupos de canto de trabalho, enfocando seu canto, suas histórias e o ambiente onde cantam esses trabalhadores e trabalhadoras. Nessa direção, foram realizados os seguintes movimentos: discutir a representação desses cantos tomando como fio condutor a vida e a arte das Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, Catadoras do coco babaçu e de grupos da Baita do feijão. A pesquisa desenhou-se a partir de uma perspectiva qualitativa, na linha dos estudos culturais, tendo como principais recursos metodológicos, entrevistas e análise de documentos. Como principais referenciais teóricos, tomaram-se autores que auxiliam a compreensão dos conceitos como, Fonseca, Mattar, Hanburger, entre outros posteriormente citados. A partir dessa pesquisa, compreende-se que a relação entre os grupos de canto de trabalho, representa um elo indissociável entre, a cultura popular e as comunidades, fazendo surgir uma ponte em que seja possível o trânsito de diferentes conhecimentos, trazendo vivências conectadas entre arte, música e cultura.

**Palavras-chave:** Trabalhadores; Música; Trabalho; Cultura; Ensino.

## Abstract

This article aimed to develop a qualitative analytical study on three work singing groups, focusing on their singing, their stories and the environment where these workers sing. In this direction, the following movements were carried out: to discuss the representation of these songs taking as a guide the life and art of the Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, Catadoras do coco babaçu and groups of Baita do Feijão. The research was designed from a qualitative perspective, in line with cultural studies, having as main methodological resources, interviews and document analysis. As main theoretical references, authors who help the understanding of concepts such as Fonseca, Mattar, Hanburger, among others mentioned later, were taken as the main theoretical references. From this research, it is understood that the relationship between the work singing groups represents an inseparable link between popular culture and communities, creating a bridge in which the transit of different knowledge is possible, bringing connected experiences between art, music and culture.

**Keywords:** Workers; Music; Work; Culture; Teaching.

## Resumen

Este artículo tuvo como objetivo desarrollar un estudio analítico cualitativo sobre tres grupos de canto de trabajo, centrándose en su canto, sus historias y el ambiente donde cantan estos trabajadores. En esa dirección, se realizaron los siguientes movimientos: discutir la representación de estos cantos tomando como guía la vida y el arte de las Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, Catadoras do coco babaçu y grupos de Baita do Feijão. La investigación fue diseñada desde una perspectiva cualitativa, en línea con los estudios culturales, teniendo como principales recursos metodológicos, la entrevista y el análisis documental. Como principales referentes teóricos se tomaron como principales referentes teóricos a autores que ayudan a la comprensión de conceptos como Fonseca, Mattar, Hanburger, entre otros mencionados más adelante. A partir de esta investigación, se entiende que la relación entre los grupos de canto de trabajo representa un vínculo inseparable entre la cultura popular y las comunidades, creando un puente en el que es posible el tránsito de diferentes saberes, trayendo experiencias conectadas entre el arte, la música y la cultura.

**Palabras clave:** Trabajadores; Música; Trabajo; Cultura; Enseñanza.

## 1. Introdução

Em uma de suas composições o grande sambista Martinho da Vila enaltece o ato de cantar quando declama em uma de suas músicas, “Canta canta, minha gente, deixa a tristeza pra lá, canta forte canta alto que a vida vai melhorar”. Quando o

cantar é no ambiente de trabalho, nem sempre a vida melhora, mas com certeza suaviza a árdua jornada de trabalho, praticada por muitos trabalhadores. Os cantos de trabalho podem ser entendidos como manifestações que fazem parte da relação mágico-ancestral de homens e mulheres com a natureza, marcando a vida comunitária de diversos povos, como forma de amenizar o esforço físico, dar ritmo e cadência ao labor da jornada do trabalho, e também como forma de comunicação e resistência. Nas fazendas e engenhos, os cantos de trabalho eram a forma que os negros escravizados encontraram também para se comunicarem e manter a alegria diante da exaustiva jornada de trabalho em cativeiro a que estavam submetidos.

Destalar o fumo, bater o feijão, tanger o gado, apanhar o algodão, quebrar o coco, levantar a casa, arar a terra, capinar o mato, lavar a roupa, caracterizam-se como ofícios considerados cansativos que são desenvolvidos por pessoas simples que, na maioria das vezes o praticam sob o sol escaldante, a chuva forte, no breu da noite ou em lugares inadequados, por livre vontade ou por necessidade, só ou acompanhado. No entanto, quando estão em grupo, cantam e se movimentam nas batidas que dão ritmo ao trabalho com braços que se movem e corpos que se dobram e se desdobram, numa só voz e entonação. Como descreve Fonseca (2015, p.11), “o compasso marcado embala a todos num só golpe, música, e trabalho tornando a tarefa mais amena, fazendo o tempo fluir e a dor ganhar a companhia da mão que bate, do corpo que vibra e da voz que canta.” Ou seja, ali nas roças ou nos salões de fumo, comunidades unem as forças em forma de cooperação, buscando um modo mais leve e produtivo para desenvolver seus afazeres necessários para as jornadas desses operários do campo.

Ainda nessa linha de pensamento, Nascimento (2020) defende amparado em suas pesquisas, que os Cantos de Trabalho, ou quaisquer elementos culturais de tradição oral, nos traz a ideia de “memória”, a memória que lembra e esquece, ideia compartilhada por Santana (2017) ao comentar que memória e esquecimento são elementos indissociáveis. Se a memória aciona a tradição, o esquecimento rejeita e seleciona os elementos que garantem ou não a funcionalidade de uma tradição no presente daquele grupo.

Os cantos de trabalho já tiveram uma representatividade bem mais extensa, na vida dos trabalhadores, porém hoje permanecem vivos mais predominantemente no meio rural, no entanto podem ser também praticados na área urbana, como atividade coletiva ou solitária. Até as décadas de oitenta do século passado, se constituía como uma prática comum, e a partir daí, foram perdendo força no dia a dia dos trabalhadores, até esse período era comum as mulheres cantarem nos salões de fumo, homens e mulheres cantarem nas batatas de feijão, e os vaqueiros entoarem seus aboios ao conduzirem as boiadas, em pequenas ou longas viagens de trabalho.

Destacaremos nesse artigo, três exemplos de trabalhadores que embora em pequena proporção ainda cantam, enquanto desenvolvem suas atividades, as Destaladeiras de Fumo,” as Quebradeiras de coco babaçu e a Bata do feijão, buscando estabelecer ligações entre o passado e o hoje desses grupos, e trazendo elementos que constituem a identidade dos referidos grupos

Os relatos referentes aos cantos de trabalho não começaram os tempos da colonização no Brasil. A beira dos rios e das fontes nos centros urbanos funcionavam como importantes pontos de encontro, locais de interação para as comunidades, onde se pegava a água, se lavava a roupa e se ficava sabendo das notícias. Ainda hoje, ao longo do ano, as margens dos rios transbordam plenas de vozes e cantigas que embalam o ritmo do trabalho dos corpos na lavagem de suas roupas e utensílios. Com ouvidos atentos a paisagem sonora das favelas e comunidades populares, o sambista carioca Cartola gravou, em 1976, um samba em que relembra o ambiente das cantigas entoadas por lavadeiras e outros grupos de trabalhadores nas várias regiões do país, ação que sinaliza para a importância da atividade nos campos de trabalho.

### **Ensaboa mulata**

Ensaboa, mulata, ensaboa  
ensaboa, tô ensaboando  
tô lavando a minha roupa  
lá em casa estão me chamando Dondon

Os fio que é meu  
que é meu e que é dela  
rebenta a goela de tanto chorar  
O rio tá seco, o sol não vem não  
Vortemos prá casa, chamando Dondom

Para Pinto, (2005), o ato de cantar enquanto trabalha é a uma prática antiga e tradicional presente no Brasil, e suas origens nos remonta às raízes da construção de nosso país, com inspirações indígenas combinadas com influências africanas e europeias. A simplicidade e a beleza das letras desses cantos, representam circunstâncias originárias do povo trabalhador, cantigas entoadas enquanto cumpriam suas jornadas de trabalho. “Esses cantos levam suavidade, fazendo transformar o estado de espírito em meio a lida de um trabalho cansativo e e extenso. Representa uma comunicação mais afável, entre os companheiros de jornada, para falar do cotidiano, dos amores, de coisas engraçadas ou tristes, e da cultura local.

O Brasil pode ser considerado um palco múltiplo de cantos de trabalho, a maioria proveniente de séculos passados, no entanto hoje, a grande maioria desses cantos se encontra extinta, provocado o processo de inovação nos campos de trabalho. Esses cantos representam expressões musicais primárias e simples, constituídas por expressões repetitivas como ei!, ai!, oh, hum! - interjeições de estímulo e reforço. A cantiga “Aboios” recolhida e ambientada por Villa-Lobos, que integra a nossa “Vivência” faz parte desse grupo. Geralmente são cantos simples, com poucas palavras ou termos repetidos.

O estado de Alagoas assim como outros estados da Região Nordeste se constitui como um celeiro vivo dos cantos de trabalho, os quais se interligam com a cultura local, protagonizadas por trabalhadores em pleno exercício de suas tarefas, ato praticado nas comunidades rurais durante a bata do feijão”, nos salões e roças de fumo pelas “destaladeiras de fumo de Arapiraca, ou nos percursos percorridos pelos vaqueiros ao conduzir o gado. Nesse sentido Lindoso (2005), afirma que é impossível conceber uma existência cultural isenta de uma base social. É inconcebível perceber a cultura alagoana sem sociedade alagoana. Uma vez que a organização histórica da nossa sociedade está relacionada com o nosso processo de colonização

Os elos que ligam esses trabalhadores e seus cantos se conectam com elementos que transcendem ao trabalho prescrito, que por vezes representava um ambiente pode ser cansativo e muitas vezes perigoso, mas se misturavam aos seus contextos de vida fazendo um recorte desse cotidiano, os permitindo, construir e falar de algo que está diante deles e os afeta, sendo essa uma das formas de se colocar frente a esse contexto e de mostrar nesse mundo.

Para Castro (2012, p.136)

[...] a cantoria encontra no ouvinte uma espécie de solo fértil onde a inspiração do cantador é alimentada. Na medida em que a recepção do público oferece possibilidades de interação eficaz entre a palavra cantada e a função que ela assume no universo de significação desse ouvinte, o cantador passa ao papel de porta-voz dos sentimentos e sensações comuns que os une no breve espaço da performance

Santos et al. (2022) defendem que a presença da música deixa o ambiente mais alegre e divertido, além de transformar os momentos e o espaço em uma rica troca de experiências onde a música atua principalmente no desenvolvimento da interação, da criatividade, da memorização, da expressão entre outros aspectos.

**Figura 1:** CD “Cantos de trabalho”



Fonte: <https://www.ciacabelodemaria.com/cantos-de-trabalho>.

Rememorando a história da humanidade, tendo como foco as diferentes atividades de trabalho em conexão com as culturas locais podemos visualizar uma forte ligação unindo o trabalho a canções, que são entoadas individual ou coletivamente durante a prática laboral. Trazidas dos antepassados que conviviam nas lavouras, pastos e caçadas, estas canções – também chamadas de cantigas ou cantos– de trabalho, são vistas como uma forma de melhor suportar o esforço e repetição característicos das atividades humanas produtivas. Na visão de Ana Raquel Motta, nos cantos de trabalho o esforço esses canticos se instituem reciprocamente

As canções de trabalho apontam para um amalgamento entre canção e trabalho, em que, inclusive, o ritmo e os sons produzidos pelos corpos trabalhando é constitutivo da canção. Complementariamente, a canção pode dar o ritmo do trabalho, o que pode ser indispensável até para a segurança de determinados tipos de atividades (Motta, 2012: 3).

Na visão de Vigarane (2020) Quando falamos sobre os cantos de trabalho, incluímos também o afeto, as trocas, a solidariedade e até mesmo festa, o trabalho deixa de ser só trabalho, tornando-se assim “[...] uma relação entre pessoas através de coisas, em que as regras do trabalho produtivo se mesclam com as de uma convivência gratuita e generosa” (Brandão, 2019, p. 9). Complementando esse pensamento, Brandão (2019) explica que

Assim, não apenas o canto, mas o clima de trocas de serviços e de sentidos em que ele se dá, traz [sic] a uma situação vivida no cotidiano, como um trabalho feminino solidário, ou realizado em pequenas equipes - quase sempre familiares com uma mãe [...] e suas filhas - a dimensão de um trabalho-festa. A de uma ação produtiva, mas entretecida de um clima socioafetivo que faz interagirem as duas dimensões de um trabalho que se vive como um ritual, quase uma festa (Brandão, 2019, p. 9).

Conforme Hall (1997), as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza

tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. As culturas nacionais e regionais, ao produzirem sentidos sobre a “nação” ou a região”, com as quais podemos nos identificar, constroem identidades. “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.” (HALL, 1997, p. 55).

Entendemos assim que esse encontro entre música e trabalho, que se faz presente em diversos lugares do mundo, e chegou aos salões de fumo de Arapiraca, as plantações do coco babaçu, aos terreiros onde se batia o feijão, mas pode acontecer também em outras formas de trabalho colaborativo e consensual que, na visão de Edilberto Fonseca (2015), se agrupam em três modalidades: a primeira é aquela que acontece em função das necessidades pontuais de determinado grupo social, que se organiza coletivamente para solução de uma demanda específica, como a capina de um terreno, a feitura de uma casa, o transporte de utensílios, dentre outros exemplos. Outra é aquela que se dá regulada pela periodicidade dos ciclos da natureza, como o plantio e colheita na roça e a puxada de rede nas pescarias. E a terceira é aquela ligada aos ofícios e fazeres tradicionais, individuais ou corporativos, que envolvem atividades cotidianas como as Destaladeiras de Fumo, as rendeiras, lavadeiras, entre outras.

Assim, concordamos com Nascimento (2018), quando defende, que os Cantos de Trabalho, no Brasil, configuram o resultado do entrelace das tradições musicais indígenas, europeias e africanas e remontam ao tempo dos escravos. Para cada trabalho existe uma cantiga e para o fim do trabalho, a celebração com o samba. É o canto simples do povo, suas histórias comuns, histórias de amor, cantos religiosos, lamentos. São muitas as formas musicais que, reunidas, são chamadas Cantos de Trabalho e todas servem a um único fim: o de trazer mais conforto ao trabalho exaustivo do homem do campo, de forma coletiva ou individual.

## 2. Caminhos Metodológicos

Nas palavras de Jacques Marre (1991, p.9), escolher um tema é caracterizar um determinado processo como relevante, e nesse contexto, a escolha do tema dessa pesquisa está respaldada em uma experiência de vida e na vontade de ampliar os conhecimentos buscando uma construção gradativa e atualizada do objeto de estudo. Sobre sua realidade histórica, social, cultural e ambiental.

Os sujeitos investigados foram os integrantes de três grupos de trabalhadores que tem uma conexão com os cantos de trabalho, Destaladeiras de Fumo, Quebradeiras de coco babaçu e Baita do Feijão, utilizando como recurso metodológica técnicas de coleta de dados, os estudos documentais e contato direto com um dos grupos, no caso as Destaladeiras de fumo de Arapiraca, que constituiu-se como a base para o comparativo e análise exploratória com os outros dois grupos.

A pesquisa foi desenvolvida no primeiro momento em um contato direto com o grupo das Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, com encontros presenciais reunindo representações do grupo o que provocou o interesse por outros grupos com as mesmas características, em outros espaços geográficos, onde a partir daí, o estudo se configurou de forma documental, através de consulta a documentos e outros materiais já publicados sobre os grupos. Kripka et al. definem a pesquisa documental como aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de buscar compreender um objeto de estudo. Esta se configura como um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos, sendo usada como método autônomo, mas porém, também é possível utilizar documentos e análise de documentos como estratégias complementares a outros métodos.

A proposta se desenha com uma perspectiva qualitativa Para Flick (2009), a maior relevância da pesquisa qualitativa está em estudar as relações sociais que ocorrem devido à pluralização das esferas de vida. No caso, essa pluralização estaria ligada às mudanças presentes nas formas de vida e nos padrões biográficos dos objetos de estudo dessa pesquisa e também na

dissolução das desigualdades sociais em ambientes, subculturas, estilos e formas de vida,

### 3.1 Destaladeiras de fumo, o canto dos salões

As Destaladeiras de Fumo caracterizam um grupo de mulheres residentes no município de Arapiraca – AL, que no passado, ou mais especificamente, nas décadas de 50 a 80 do século passado, referente a um período em que o município era considerado um dos maiores produtores de fumo do país, trabalhavam horas a fio nos salões ou armazéns na destalagem e seleção das folhas de fumo. Em meio ao trabalho árduo que se estendia até a madrugada, elas cantavam e criavam versos que ficaram conhecidos como “cantigas de salão de fumo”. A atividade, que surgiu de forma natural, se tornou um atrativo na época da colheita e acabou deixando o trabalho mais alegre e menos cansativo.

Constatou-se, no entanto, que com o passar dos anos e o declínio da cultura do fumo na região, a atividade diminuiu em grande proporção. Atualmente, nos poucos salões que ainda resistem, já não se ouvem mais os cantos que embalavam essas mulheres. Para recuperar essa atividade que se tornou tradição na Região Metropolitana de Arapiraca, parte dessas mulheres, hoje revivem as cantigas entoadas durante a destalagem nos salões constituindo dois grupos culturais, que se apresentam nos palcos de grandes eventos culturais, em várias cidades do país.

**Figura 2:** Grupo das Destaladeiras de Fumo de Arapiraca.



Fonte: <https://www.ciacabelodemaria.com/cantos-de-trabalho>

Destaco assim que os cantos escutados nos salões de fumo, vão além do que simples cantigas ou músicas entoadas ao se trabalhar, são também versos, poesias, reflexões, pensamentos, ideias, provocações, indagações que aconteciam num contexto autêntico de trabalho numa comunidade, ou num ambiente, onde justamente existia a dúvida se o trabalho impulsionava o canto ou se era o canto que sustentava o trabalho.

#### **O galo cantou**

[refrão]

O galo cantou, cantou, moreninha

O dia amanheceu, amanheceu

Hoje aqui nesse salão, moreninha

Quem cantou melhor fui eu  
Os rapaz de hoje em dia, moreninha  
Só fala em casar  
Bota uma tarefa de roça, moreninha  
Deixa o mato fulorar

Viva o cravo e viva a rosa moreninho  
Viva a flor que tanto cheira  
Viva o salão de fumo moreninha  
Com todas as destaladeiras

Hoje, as mulheres que vivem dentro do grupo encenam o que, para muitas delas, durante boa parte da vida, foi uma realidade árdua, entretanto, amenizada pelo canto. Destarte, suas histórias de outrora são lembradas com carinho e certo saudosismo, fazendo-as se renovarem a cada apresentação, com muitas histórias para contar e muitas lembranças que levam consigo, pois o canto parece sempre ter sido o sustentáculo para as atividades que desempenharam no passado, sendo atualmente a força motriz que anima e dá vazão às suas performances.

Nessa direção, os versos interpretados por homens ou mulheres na lida do fumo e em outros locais de trabalho deixavam transparecer ao mesmo tempo simplicidade e beleza, em cantigas do povo trabalhador, e como bem descreve Mattar (2016), “esses cantos levam a outro estado de espírito no cotidiano de um trabalho cansativo e que leva horas para ser executado. É uma forma de comunicação entre as companheiras, para falar do dia a dia, de amor, de coisas engraçadas ou tristes”.

### **3.2 As quebradeiras de coco babaçu, o canto dos babaçuais**

Mulheres fortes, guerreiras, de fibra, que lutam incansavelmente para defender a natureza ao redor de onde vivem buscando garantir a qualidade de vida para suas comunidades, é assim que podemos denominar, ou como vemos as Quebradeiras de Coco Babaçu. São trabalhadoras e mulheres possuem sua cultura e conseqüentemente, suas vidas interligadas intimamente à palmeira do babaçu, de onde tiram o coco, que ao ser quebrado vira azeite, óleo, farinha, leite e sabão. Da palha e da casca, se faz produzir um belo artesanato, ou ainda as bio construções e carvão para preparar os alimentos.

A palmeira do babaçu, planta muito comum na região Nordeste do Brasil e mais especificamente no Estado do Maranhão, é um componente do cotidiano das mulheres. nas comunidades rurais do estado, por favorecer oportunidades trabalhistas através da quebra ou produção manual de objetos artesanais referentes a cultura local. Contudo, para além de possibilidades econômicas, o babaçu é para as mulheres quebradeiras de coco um símbolo da cultura e de suas tradições. No ato diário da quebra do coco babaçu, as quebradeiras têm o habito de festejar trabalho, a natureza e a vida com suas canções, aprendidas com suas mães e avós e as que elas próprias compõem. Essas canções possuem temáticas que expressam diversos elementos do cotidiano dessas mulheres cenário possibilita analisar através da interdisciplinaridade da história com a literatura, toda uma carga cultural que as músicas expressam

Segundo o estudo de Assis (2009), o grupo das Quebradeiras também conhecido como encantadeiras, pelo encanto de seus cantos foi consolidado paulatinamente ao longo dos anos. O canto é uma manifestação cultural presente na vida cotidiana da comunidade das quebradeiras de coco babaçu, acompanhando a maioria das suas atividades diárias. Essas vozes foram unindo-se e formando um grande coro, quando os objetivos tornaram-se comuns e a luta pelo direito ao livre acesso aos babaçuais passou a ser de todas. O repertório do grupo é composto por sambas, xotes, maracatus e baiões. Os cantos são de trabalho e protesto. O grupo trabalha em uma harmonia consonante e o ambiente dos ensaios é um lugar propício para a abertura dialogal e o compartilhar de conhecimentos:

**Figura 3:** Quebradeiras de coco babaçu.



Fonte: Arquivo do grupo.

A Figura 3 retrata a prática da quebra do coco babaçu, ato trabalhista, muito comum no cenário rural maranhense. Quase sempre de forma coletiva, as mulheres extrativistas costumam quebrar o coco cantando e proseando, o que dá uma certa leveza ao ambiente de trabalho deixando transparecer uma jornada mais divertida e proveitosa. Essas músicas de caráter popular refletem em grande parte muitos aspectos dessa cultura extrativista nordestina. Através delas é possível o estudo do consciente e inconsciente retratando elementos do cotidiano nessas comunidades. Como por exemplo, afirmação de como o coco babaçu é utilizado para além de uma possibilidade econômica, mas também de uma expressão cultural e características do amor pelo fruto e o orgulho de ser quebradeira são facilmente encontradas em suas canções populares (Santos, 2011).

Entoando músicas que refletem suas vidas e atividades como mulheres e trabalhadoras, as quebradeiras de coco utilizam o seu canto e seus encantos para expressar o valor do seu trabalho na agricultura e extrativismo do babaçu e na luta pela terra e pelo livre acesso aos babaçuais nem sempre acessíveis a essas mulheres que não se abalaram com as dificuldades, mas tomaram o problema como uma bandeira de luta cantada compartilhada músicas com crianças, jovens e adultos daquelas comunidades.

As músicas cantadas nos babaçuais, por mulheres geralmente nativas do meio rural, podem cumprir funções diferenciadas, de acordo com as características do trabalho ao qual estão relacionadas e com os determinantes culturais e sociais de cada região ou localidade. Normalmente entende-se que tem o papel de aliviar o desgaste físico da labuta diária e aumentar a produtividade é preponderante, mas também pode servir como modo de externar o lamento e fazer ecoar uma crítica ou uma alerta ao papel da mulher trabalhadora, que ao mesmo tempo é mãe, esposa, dona de casa e, no entanto, é invisibilizada pela sociedade, questões embutidas nas letras dos cantos ali entoados. Ou seja, os cantos ali entoados têm o tom de reflexão sobre questões relacionados à valorização do trabalho, da mulher, dos direitos das minorias, da luta pelo acesso aos babaçuais que estão localizados em extensas áreas rurais. São cantigas que apontam atitudes críticas e questionadoras refletidas



nos modos de vida das trabalhadoras e suas famílias, que são entoados com voz firme e potente, em uníssonos na maioria das vezes, e marcados pelo ritmo das ferramentas usadas na quebra: o machado e o porrete.

Olê, Mariê

Refrão: Olé Mariê, Olé Mariá (2x)

Mulher sai dessa cozinha

Vem e ocupa o seu lugar (2x)

Mulher frágil era um ditado, pra menos te tornar.

Mas quem viu a revolução, sem a mulher funcionar?

Mulher, olha a tua mente, sufocada pra pensar.

Vem e solta o pensamento, com teu jeito de criar.

Oh mulher abre essa boca! é preciso temperar.

O prato da vida é insosso, sem o sal do teu falar!

A lei velha do machismo, vem mulher, vem revirar!

Se não faz a tua parte, essa lei vai dominar.

#### Canto das quebradeiras de coco babaçu

Em outras palavras, os cantos ali entoados tem o tom de reflexão sobre questões relacionados à valorização do trabalho, da mulher, dos direitos das minorias, da luta pelo acesso aos babaçuais que estão localizados em extensas áreas rurais. São cantigas que apontam atitudes críticas e questionadoras refletidas nos modos de vida das trabalhadoras e suas famílias, que são entoados com voz firme e potente, em uníssonos na maioria das vezes, e marcados pelo ritmo das ferramentas usadas na quebra: o machado e o porrete.

Assim, diante da força dessa representatividade, a partir de 2004 o grupo com o apoio do MIQCB e da Assema, e do projeto Sonora Brasil do SESC vem se constituindo como grupo cultural e realizando apresentações em todo o Brasil, identificando-se como as “Encantadeiras”, levando seu canto e encantando o público presente.

### 3.3 A bata do feijão, o canto dos terreiros

A tradicional bata-do-feijão, Feijão faz ressoar a riqueza das linguagens artísticas-culturais que caracterizam a relação do homem com a terra e ao desenvolvimento das atividades camponesas no Brasil. É realizada pelos agricultores em sistema de mutirão, quando um grupo de pessoas geralmente composta por familiares e amigos batem com um cacete os montes de feijão colhido durante a safra para separar os grãos das vagens, e em meio a atividade entoam cantos de trabalho, o que caracteriza um evento periódico, ao mesmo tempo em que traduz uma cena bonita aos olhos de quem participa ou apenas assiste. Mas vem, aos poucos, se tornando coisa do passado, relíquia da cultura popular. Já está quase virando folclore na zona rural de algumas cidades do Nordeste.

Na prática dessa atividade, ao mesmo tempo em que os homens sincronicamente, conforme é mostrado na Figura 4, vão dando pauladas nas vagens secas, e não deixando escapar as partes que se espalham com os pés, as mulheres simultaneamente, vão realizando a “biatagem”<sup>1</sup> e no mesmo ambiente vão retirando com uma peneira as cascas que sobraram, enquanto outras preparam feijoada e bebida para os envolvidos. Assim envolvidos por esse ritmo de trabalho o som de cantos são entoados sincronicamente pela pulsação rítmica das batidas contra as vagens, o que dá um ritmo intenso e cansativo, ao mesmo tempo, suavizado pelo efeito da música por eles entoada.

---

<sup>1</sup> “Biotar” é utilizar-se de uma peneira para retirar o resto das palhas que ficam misturadas durante o processo da batida do feijão

**Figura 4:** Trabalhadores durante a baita do feijão.



Fonte: Acervo do grupo de Baita do Feijão do Recôncavo Baiano.

Vale salientar que por muito tempo vários lugares e mais especificamente no Nordeste do Brasil a “baita do feijão” é realizada através da coletividade familiar e comunitária, ou seja, uma família com a ajuda de outros membros da vizinhança, configurando uma ação coletiva ou mutirão como é denominado no meio rural, com a promessa de muita bebida e comida, oferecido aos participantes da família responsável pelo feijão que será batido naquele determinado dia. Na maioria das vezes as batidas nas vagens do feijão são realizadas por homens, com a colaboração das mulheres. E nesse clima trabalho/festa a concretização de uma prática agrícola, transforma-se num momento lúdico, com muita cantoria, ao mesmo tempo em que eternizam o cotidiano dessas pessoas.

É baita do feijão, mandaram me chamar  
Os homens pra bater e as mulheres pra baiatar  
Tanta gente pra comer e eu sozinho pra bater  
Bate feijão João, Mané  
Que eu quero ver palha no chão  
O que tem Maria que chora tanto  
A baita do feijão acabou-se e eu vou embora  
Eu vou embora segunda – feira  
Tomar cerveja agora e farinha a semana inteiro

Canto da baita do feijão

No entanto como descreve Silva (2021), assim como em outras atividades agrícolas a “baita de feijão”, também, ao longo dos anos vem sofrendo as influências dos avanços tecnológicos, sendo sua prática substituída pelo uso das máquinas, contribuindo para um grande enfraquecimento dessa prática em quase todas as regiões do país, mas na região Nordeste essa tradição ainda resiste a essa evolução, mesmo que seja um ato provocado pela grandeza da memória comunitária, que nos

permite um contato com as nossas lembranças, revivendo com suas devidas ressignificações capítulos da nossa história familiar e comunitária, no entanto a realidade dos fatos é que agora a bata está sendo cada vez mais mecanizada o que consequentemente torna cada vez menos escasso a alegria e a poesia dos mutirões regados a muita comida, bebida, e coletividade no trabalho e passando também a proporcionar menos trabalho e mais rentabilidade econômica para os pequenos agricultores do município.

Nesse contexto, sentindo o esvaziamento constante dessa atividade, grupos de algumas comunidades se propuseram a manter viva a tradição fazendo apresentações musicais, em espaços públicos, fazendo um resgate histórico das músicas muitas vezes cantadas nos terreiros onde trabalho e música se entrelaçam numa mesma ação, com um mesmo objetivo. Concepção também defendida por Silva & Scaramuzza quando afirmam que a presença desses grupos na cultura brasileira representa a força da oralidade na transmissão dos saberes populares que mesmo estando diante de um sistema silenciador, consegue manter-se vivo mesmo em condições desiguais em relação a dita cultura erudita. Muitos pesquisadores tentam trilhar a genealogia da festa do boi, mas sempre se deparam com eventos incertos que apontam para outros caminhos, inclusive de que o início deste folguedo aconteceu em outros países.

#### **4. Entrelaçando as Discussões**

Podemos observar que os três grupos aqui exemplificados apresentam um forte entrelaçamento entre trabalho e música, mas como podemos conectá-los aos cantos de trabalho? Diferentes pesquisas sobre cantos de trabalho apontam que o ato de cantar enquanto trabalha, retrata uma manifestação das sociedades tradicionais, e que esses hábitos estão morrendo, ou já morreram na maior parte dos lugares, podendo ser observado agora que a maioria das pesquisas acerca do tema conseguem apenas escutar, narrativas de antigos membros desses grupos que tem como propósito preservar essas manifestações autênticas.

Para Silva (2017), as manifestações culturais exibida das várias localizações do nosso Brasil e mais especificamente no Nordeste confirmam que a tradição presente nas comunidades é uma manutenção de uma identidade cultural e de resistência no sentido de manter as raízes culturais mesmo com as dificuldades apresentadas. A dimensão simbólica presente confirma o sentido de ser permeado pelas histórias de vidas das pessoas que organizam ou participam destas manifestações culturais.

As destaladeiras de fumo, e as quebradeiras de coco babaçu e os batedores de feijão, simbolizam grupos que mantem uma tradição de geração a geração, representam uma atividade desempenhado por trabalhadores com a diferença de que o ato de destalar fumo e bater o feijão é uma atividade que caminha para extinção, enquanto as catadoras de coco babaçu, continuam em plena atividade em alguns estados do Brasil e mais especificamente nas regiões Nordeste/Norte.

Os grupos escolhidos têm diferenças entre si, desde o estilo musical ao lugar em que vivem e as atividades que desempenham. No entanto, existe um elemento que os une: eles aprenderam a cantar fora de uma escola de música, desenvolvem técnicas vocais por caminhos diferentes de uma técnica vocal padronizada e conseguem preservar suas memórias musicais, ou seja foi na convivência humana que o canto surgiu, ganhou alma, som, cor, ritmo, letra e poesia. Na vida social ele nasce, respira a história e cultura de um povo e transpira a identidade de uma nação

Outro ponto observado é que os três grupos pesquisados estão inseridos nos trabalhadores que cantam enquanto trabalham, engrossando o cordão dos notáveis, cantos de trabalho, atividade hoje ainda desenvolvida por muitos grupos, ou revivida por representantes desses trabalhadores que se organizaram em grupos culturais, que aliaram arte, cultura experiência de vida para perpetuar as raízes culturais do povo trabalhador, ilustrando os conhecimentos das novas gerações e reativando a memória dos protagonistas da história.

Assim, os referidos trabalhadores, e trabalhadoras, constituídos agora como grupos culturais, e com o apoio de projetos culturais regionais ou nacionais tendo como exemplo SESC com o projeto Sonora Brasil em parceria com a

Companhia Cabelo de Maria coordenados pela pesquisadora e instrumentista Renata Mattar, deram voz e vez a cultura local, fazendo com que desde o início da década de 1990, grupos como as Quebradoras de coco babaçu, Destaladeiras de Fumo, ou os grupo da Baita do Feijão do sul da Bahia), assim como outras representações de trabalhadores vem produzindo discos e realizando apresentações, em todo o país, fazendo resistir a arte a cultura e a tradição dos cantos de trabalho, ou como bem defende Fonseca:

Se nos palcos e espetáculos o repertório perde a densidade funcional que tinha, sua recontextualização tem, contudo, propiciado a esses grupos comunitários possibilidades de novos protagonismos e ganhos materiais e simbólicos de variadas ordens. Entre perdas e ganhos, só a eles cabe, enquanto agentes ativos de seus saberes e fazeres musicais, determinar como e sob que circunstância deve se dar ao nem sempre harmônico relacionamento com a indústria cultural na atualidade. (Fonseca, 2015, p.25).

Um ponto foi observado especificamente nas Destaladeiras de Fumo é que constituem um grupo regional, por representarem um capítulo da história de um município, fazendo reviver uma atividade cultural peculiar do município de Arapiraca, e portanto, o grupo foi idealizados e composto só por mulheres arapiraquenses.

O estudo nos faz perceber que cada grupo se diferencia pela presença e permanência de intencionalidade. Assim os cantos de trabalho são espontâneos e em cada modo de cantar traz consigo precariedades locais e singulares. As práticas musicais retratam o legado cultural e artístico, constituindo-se como um patrimônio relacional passível de preservação daqueles que estão enraizados na comunidade, na experiência da vida vivida em sua concretude, ou seja, Vozes que cantam um repertório musical nascido nas atividades cotidianas; no trabalho no campo e nas reivindicações na cidade; nas danças e celebrações. São grupos que, pela vivência musical, tornam o ambiente propício para o exercício dialógico, fazendo-o um lugar de suporte de relação entre as pessoas. Um patrimônio cultural, mas principalmente relacional, que deve ser conhecido, inventariado e preservado. É uma herança da humanidade que precisa ser preservada no momento presente, na experiência da vida vivida em sua concretude.

## 5. Considerações Finais

As pesquisas fazem perceber, que as tradições culturais dos cantos de trabalho estão intimamente ligadas ao universo do trabalho no campo. À medida que as atividades do cotidiano rural estão sendo estremecidas, pela modernidade, onde a tecnologia diminui a presença humana, e institui novos métodos de atuação principalmente pelas novas gerações de trabalhadores, o que faz com que a tradicionais dessas culturas vão se tornando cada vez mais ausentes.

Nessa perspectiva as lembranças do passado, são revividas pelos remanescentes daquela época considerados arquivos vivos haja vista que a transmissão de saberes e tradições acontecem de forma oral durante a realização desses eventos. Esta lembrança, ao ser atualizada, tem um forte diálogo com o presente e refletem o desejo de fazer reverberar a cultura, local, quando registram saberes que ficarão marcados pelo tempo, nas lembranças, nas leituras, reavivando momentos que ficarão registrados na eternidade. Podemos eterniza às artes e às culturas, e conseguir representá-lo nas escritas, tornando-se o registro, por meio de diversas linguagens artísticas e manifestações culturais.

Para Santana (2013), todo esse modo de viver está imbricado numa teia de envolvimento onde o material e o simbólico e as necessidades orgânicas e ético-morais são indivisíveis, selecionando e rejeitando através das reminiscências e do esquecimento os elementos que serão perpetuados destas tradições que interagem entre os universos cultural, ético-moral e espiritual do homem sertanejo. Se “a memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História” (Bosi, 2005, p. 53);

...o esquecimento é dinâmico: rejeita, mas em vista de. Ele não anula, ele pole, apaga, e, por isto, clarifica o que deixa à lembrança, transformando- -a em tipo, extraindo daquilo que foi sua fragilidade temporal, sua incômoda primeira fugacidade. (Zumthor, 2012, p.15-16)

Outrossim, opinamos que os estudos com foco nos cantos dos grupos das Destaladeiras de Fumo, Quebradeiras de coco babaçu e baita do feijão, aqui apresentados nesse estudo além de enaltecer a história de vida dos trabalhadores e trabalhadoras que viveram e estão revivendo e ajudando a perpetuar a cultura local nos possibilitou lançar um olhar mais aguçado sobre as questões do nosso tempo. Nesse sentido as indagações acerca das questões agora vivenciadas encontraram respostas em várias reflexões ou mesmo sistemas interpretativos de inúmeros autores que construíram conhecimento ao longo do estudo.

Enfim, as questões aqui discutidas referentes a experiência dos cantos de trabalho não encurta e nem contempla esse propósito, as considerações em torno do que foi discutido ao longo dessa pesquisa. Proponho assim, que este estudo inspire outras pesquisas, não só no âmbito da experiência dos três grupos estudados, mas que sejam extensivos também no que diz respeito a outros sujeitos e grupos, que pela sua riqueza vale a pena ser investigado.

## Referências

- Assis, Y. S. O. A. (2009). *Canto popular: a criação musical, para além dos muros da escola*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília. Faculdade de Educação
- Bosi, A. (2005). *Cultura com tradição*. In Bornheim, Gerd et alii. *Cultura brasileira: tradição e contradição*. Jorge Zahar Editor/Funarte, pp.31
- Brandão, C. R. (2021) O canto das fiandeiras. Escritos sobre o trabalho solidário. <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2019/02/O-CANTO-DAS-FIANDEIRAS-rosa-dos-ventos.pdf>.
- Castro, S. O. (2012). *Memórias da cantoria: palavra, performance e público*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- Colares, G. S. et. al, (2022). Entre arte e saberes: sinos que encantam a cidade da fé. 11(1). OI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i1.25312>
- Fonseca, E. J. de Macedo. (2016). *Cantos de Trabalho: modos e modas na atualidade*. In: *Sonoros ofícios - cantos de trabalho: circuito 2015/2016*. Rio de Janeiro: Sesc Departamento Nacional.
- Hanburg, E., & Gomes, T. (2017) Leon Hirszman e a trilogia dos Cantos de trabalho, *Rumores*. 21(11)
- Kripka, R. M. L. Scheller M. & Bonotto, D. L. (2015). *Pesquisa qualitativa: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa*. Atas – Investigação qualitativa em educação. Vol. 2
- Lindoso, D. (2015). *Interpretação da província: estudo da cultura alagoana*. (3a ed.), Ed. Edufal. Mattar, R. (2018) SESC. *Sonora Brasil: Circuito 2015 - 2016*. *Sonoros ofícios: cantos de trabalho*. Rio de Janeiro: 2015/20
- Motta, A. R. (2013). *Análise discursivo-ergológica das canções de trabalho*. *Anais eletrônicos da 2ª. Jornada Internacional de Estudos do Discurso*.
- Nascimento, C. M. C. (2020). *Cantos de trabalho, das roças para as salas de aula: arranjos vocais e instrumentais*. Dissertação (Mestrado em Arte) Programa de Pós-graduação em Artes – PROFARTES - Instituto de Humanidades e Artes IHAC. Universidade Federal da Bahia. Salvador - Bahia
- Nascimento, I. M. (2018). *Sonora Brasil e os cantos do trabalho: recontextualizando a tradição, o caso das cantadeiras do sisal e aboiadores de Valente*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) Instituto de Humanidades Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.
- Santana, S. (2012). *Música e ancestralidade na Quixabeira*. Ed. Edufba.
- Santana, S. (2017). *Memória e esquecimento nos cantos de trabalho de Quixabeira*. Ed. Extraprensa
- Santos, R. L. (2011). *O Projeto Grande Carajás e seus reflexos para a cultura extrativista do Maranhão*. Imperatriz, MA: Ed. Ética.
- Santos, G. L. S.; Carvalho, E. T. & Selva, Selva, O. (2020). *A Música na educação infantil como uma ferramenta no desenvolvimento cognitivo da criança*. *Research, Society and Development*, 9(7). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.22641>
- Silva, D. A. & Scaramuzza F. C. (2021). *A cultura folclórica do boi-bumbá na escola: proposições para pensar uma ação pedagógica interdisciplinar*. *Research, Society and Development*. 10(15). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.22641>
- Silva, L. C. B. (2021) *Baita do feijão: uma tradição da agricultura familiar, que resiste ao passar do tempo*. *Informação, educação e cultura*. "BAITA DE FEIJÃO": uma tradição da agricultura familiar que resiste ao passar dos tempos ([professorborges.com.br](http://professorborges.com.br))

Silva, M. A. (2017). *Manifestações culturais: modos de vida e memória*. UFAL, Maceio: [https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts\\_download/Maria](https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Maria)

Iasmin M A., Silva I. M. A., Paz, L. R. & Santos R L. (2019). *O universo das quebradeiras de coco babaçu através de seus cantos*. Reunião Anual da SBPC.

Vigarane, S. M. (2020) Cantos de trabalho das mulheres do Nordeste rural: processos investigativos e colaborativos de Renata Mattar. TCC (Graduação em Arte) Instituto de Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Zumthor, P. (2012). *Tradição e Esquecimento*. Ed. Hucitec.